

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

EDSON ZILLI

**CAMINHOS DAS TROPAS NO EXTREMO SUL CATARINENSE:
MEMÓRIA E PATRIMÔNIO**

CRICIÚMA

2014

EDSON ZILLI

**CAMINHOS DAS TROPAS NO EXTREMO SUL CATARINENSE:
MEMÓRIA E PATRIMÔNIO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado e Bacharel no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Me. Juliano Bitencourt Campos

Orientador: Prof. Me. Marcos César Pereira Santos

CRICIÚMA

2014

EDSON ZILLI

**CAMINHOS DAS TROPAS NO EXTREMO SUL CATARINENSE:
MEMÓRIA E PATRIMÔNIO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado e Bacharel, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com Linha de Pesquisa em História Local e Regional.

Criciúma, 28 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Juliano Bitencourt Campos - Mestre - UNESC - Orientador

Prof. Me. Marcos César Pereira Santos - UNESC - Orientador

Profa. Lucy Cristina Ostetto - UNESC - Mestre

Prof. Marlon Borges Pestana - UNESC - Doutor

A minha família, obrigado por tudo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Aos professores Juliano Bitencourt Campos, Marcos César Pereira Santos, Lucy Cristina Ostetto, Marlon Borges Pestana e a toda equipe do Setor de Arqueologia que colaboraram para a realização deste trabalho.

A todos que contribuíram com dedicação para a realização desta pesquisa, Alexandre Rocha, Enio Frassetto, Zelindo Ronsani, Bruna Tereza e seu marido Juarez, Valmir Sasso, Edenir Sasso, Pedro Evilázio de Oliveira, Ilário dal Toé, Suézia da Rosa Pereira, Gilberto Ronsani, Eva Medeiros de Aguiar, Paula Reis, Claudete Ribeiro da Silveira Lima, Kauê Mateus Bellettini.

Aos colegas, amigos e familiares que, acreditaram e contribuíram para que este trabalho terminasse com sucesso.

Gostaria de agradecer aos que, por ventura não estejam mencionados, mas que também foram importantes para todas as etapas da pesquisa.

Ao longo do tempo, o que se tem mostrado é que os caminhos, mais que condutores de veículos, mercadorias, passageiros, são condutores de história e memórias. Caminhos são testemunhos de cultura e de vida; são espaços que permitem a troca e a reflexão, o trabalho e o lazer.

Marcio Santos

RESUMO

Este trabalho buscou contribuir com as discussões referentes as questões voltadas a ideia de patrimônio cultural, tendo como campo de análise o tropeirismo no Extremo Sul Catarinense. Na perspectiva da Nova História, na linha da história local e regional desenvolveu-se o referido trabalho de conclusão de curso. Foi a partir deste viés que se buscou dar ênfase aos trabalhos realizados num espaço geográfico que corresponde aos municípios da fronteira Sul Catarinense. Assim, delimitou-se uma área de estudos que localiza o objeto de estudo na região sul, sintetizado num projeto amplo e interdisciplinar intitulado “Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba”. Tropeirismo e Caminhos das Tropas foram o objeto deste estudo, onde buscou-se estabelecer uma problemática sobre estudos referentes ao caminho das tropas e do movimento chamado tropeirismo. O que este deixou como herança material no extremo sul do Estado. Assim podemos pensar como o caminho das tropas se materializou e influenciou na formação das identidades culturais e patrimoniais dos municípios do Extremo Sul Catarinense.

Palavras-chave: Caminhos das Tropas. Tropeiros. Memória. Patrimônio. Extremo Sul Catarinense.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do polígono de estudo - Projeto Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba.....	11
Fonte: Acervo do Setor de Arqueologia – UNESCO, 2014.....	11
Figura 2 - Mapa de localização das estruturas tropeiras na área do Entre Rios	25
Figura 3 - Ruínas da casa comercial Família Souza.....	28
Figura 4 - Atual casa localizada no terreno da Família Souza	28
Figura 5 - Rio Araranguá	29
Figura 6 - Capela situada na localidade de Cangicas (Hercílio Luz).....	29
Figura 7 - Pedra que servia de abrigo para os tropeiros	33
Figura 8 - Casa de Florindo Soretto.....	34
Figura 9 - Local da residência de Florindo Soretto	35
Figura 10 - Casa de comércio sem procedência identificada.....	35
Figura 11 - Casa comercial de Angelo Frassetto	36
Figura 12 - Casa de Juvenal Cardoso	37
Figura 13 - Taipas na propriedade de Zelindo Ronsani	38
Figura 14 - Olho da água	38
Figura 15 - Cruzinha	38
Figura 16 - Casa de comércio Sasso	40
Figura 17 - Casa de comércio Sasso	41
Figura 18 - Campo de pouso Silvio Magnin.....	42
Figura 19 - Casa de Banha.....	42
Figura 20 - Campos de Cima da Serra	43
Figura 21 - Potreiro de Taipas	44
Figura 22 - Fazenda de Pedro Evilázio.....	44
Figura 23 - Calçada de pedra	46
Figura 24 - Pousada em Vila Rosa	46
Figura 25 - Taipas na Vila Rosa	47
Figura 26 - A casa Comercial de Camilo João Ignácio, na década de 1930 e Ruínas da Casa de Camilo, em 2004	48
Figura 27 - Casa de comércio Pintada.....	48
Figura 28 - Casa comercial de Valdomiro Pereira Pinto (Pintada).....	49
Figura 29 - Casa de comércio na década de 1920	51

Figura 30 - Casarão	51
Figura 31 - Casa Comercial	52
Figura 32 - Subida da Serra do Faxinal, década 1960	52
Figura 33 - Subida da Serra do Faxinal, década 1960	53
Figura 34 - Casa Centenária de Servando Isoppo	54
Figura 35 – Mapa de localização dos municípios da área Entre Rios e a presença de relatos sobre o tropeirismo	56

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
1.2	METODOLOGIA.....	14
2.	CONCEITUAÇÃO TEÓRICA	16
2.1	O MOVIMENTO TROPEIRO NO BRASIL	19
3.	TROPEIRISMO NO EXTREMO SUL CATARINENSE.....	25
3.1	ARARANGUÁ.....	26
3.1.1	Araranguá nas entrelinhas.....	30
3.2	JACINTO MACHADO	33
3.2.1	Relato da trilha Serra da Pedra	39
3.3	MORRO GRANDE	40
3.4	PRAIA GRANDE.....	45
3.4.1	Praia Grande nas entrelinhas	50
3.5	SOMBRIO	53
3.6	TIMBÉ DO SUL.....	54
3.7	O TROPEIRISMO NA LITERATURA DA REGIÃO	55
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	63

ANEXO

Anexo 1: Mapa de localização das estruturas tropeiras na área do Entre Rios

Anexo 2: Mapa de localização dos municípios da área Entre Rios e a presença de relatos sobre o tropeirismo.

Sendo assim, observei que havia uma lacuna que precisaria ser preenchida por pesquisas históricas no Extremo Sul de Santa Catarina referentes a questões que abrangessem essa região com o tema em debate. Para tanto, estabeleceu-se uma problemática sobre estudos referentes ao caminho das tropas e do movimento que o tropeirismo deixou como herança material. Esta problemática de estudos proporcionou pensarmos como o caminho das tropas se materializou e influenciou na formação dos municípios do Extremo Sul Catarinense e o que ficou materializado durante esse ciclo do tropeirismo? Muitos bens que antes passavam despercebidos na paisagem pelos moradores, poder público, pelo próprio núcleo acadêmico, poderiam ser reconhecidos e, assim, proporcionar novos estudos e pesquisas a partir dos mesmos, possibilitando assim a população pensar, discutir, perceber e entender através da história sua identidade, memória, e aspectos culturais. A preocupação maior com os bens materiais surge dentro de uma tendência nacional/regional do crescimento acelerado de cidades de pequeno e médio porte nos dias atuais. Assim também acontece nos municípios que abrangem o Sul Catarinense.

Portanto, o tema deste trabalho está centrado no Tropeirismo, abordando como objeto de pesquisa a importância dos registros materiais deixados pelo movimento chamado de tropeirismo nos municípios do Extremo Sul Catarinense, percebendo sua relação com a identidade local. Busco um passado recriado no viver e nas memórias de alguns moradores destes municípios, sempre buscando uma relação histórica com os tropeiros.

Nesse processo de identificação do passado, busco através de discussões que se limitam, neste trabalho, a história local e regional o contexto do objeto de pesquisa, cujo objetivo central é tratar da importância que os caminhos utilizados pelos tropeiros representaram, tanto na formação desses municípios quanto aos bens materiais remanescentes que seus agentes sociais desenvolveram.

“A arqueologia cada vez mais deve voltar-se para as disciplinas que refletem sobre o destino da cultura material que ela estuda e o caminho que se tem proposto é a colaboração da população em geral de maneira que esta possa ajudar a definir os usos desse material e mesmo sua interpretação” (FUNARI, 2003, p. 98.).

No campo historiográfico, o passado pré-histórico está diretamente ligado às fontes da cultura material, e essa, tanto na história como na arqueologia, nos possibilita inúmeras maneiras de interpretar a vida humana na terra. Neste processo de desenvolvimento, se dá através de coletas de dados e vestígios materiais que o homem produziu e que a arqueologia se encarrega de transformar essa história em conhecimento.

Durante toda nossa vida, é certo que estamos cercados por diversas materialidades que, sejam elas duráveis ou não, acabam se tornando objetos que irão definir o campo da

cultura material que o homem produziu, tendo em vista novos olhares a partir da descoberta de um campo amplo de estudos.

Quanto ao grande número de fontes, segundo Marcos César Pereira Santos, em seu artigo: *Entre a Pré-História e a História: O Documento Material Humano*:

“surgiu ou ressurgiu com força um conceito interpretativo que abrangia um campo quase que infindável de fontes, fontes essas que exemplificavam os significados da realidade vivida que a humanidade construiu durante seu desenvolvimento, a História Cultural, ou a Nova História Cultural. Essa corrente histórica procura a visão do passado a partir da cultura”. (SANTOS, 2013, P. 30.).

Portanto, essa perspectiva disponibiliza ao historiador ampliar sua noção sobre as fontes, assim as possibilidades para a construção histórica se encaminham por rumos que antes não eram possíveis no campo da história, entendendo assim que a história nada mais é do que toda ação que o homem faz na terra e toda essa ação agora pode ser estudada e analisada.

O historiador Barros (2009) destaca que “os materiais constituem o alicerce da vida em sociedade”. Portanto a História da Cultura Material quando analisada a partir das fontes materiais acaba por esclarecer diferentes aspectos da vida humana.

Entretanto, definimos que a Cultura Material, por meio das análises colhidas tanto no campo da história quanto na área da arqueologia, acaba por trazer novas informações ampliando o conhecimento a respeito da passagem do homem na terra como provoca discussões inerentes na perspectiva historiográfica.

A pesquisa aborda alguns conceitos, como: território, processo civilizador e colonização. Ao abordar diferentes manifestações representadas pelo tropeirismo, poderemos identificar como estarão inseridos estes conceitos dentro de um contexto de criação de elementos da cultura material e como toma lugar nessas representações do passado referente à nossa própria história com diferentes objetivos e contextos.

Dessa forma, no primeiro capítulo, apresentamos a conceituação teórica inerente ao processo tropeiro em âmbito nacional e regional. O bom domínio conceitual, juntamente com uma clareza das ideias, ajuda e possibilita as discussões, assim como as ações em torno do tema proposto nesta pesquisa. Uma breve contextualização de como esse movimento tropeiro ganhou força e se fez presente na história. Faz-se indispensável, na legitimação daquilo que o historiador e a história enquanto ciência busca discutir e legitimar como discurso oficial ou não. Hobsbawn e Ranger (1984) nos recorda que os “historiadores, cujo ofício é o de lembrar o que os outros esquecem, podem contribuir e reforçar a importância para o que queremos compreender sobre pertencimento, identidade e memória, e ainda, se não há nenhum passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo, o passado legítima”.

No segundo capítulo adentramos com mais profundidade na região do Extremo Sul Catarinense, onde realizamos levantamento bibliográfico e de campo sobre locais que remetessem à historiografia e vestígios do movimento tropeiro da região. Nessa etapa da pesquisa foi elaborada a descrição dos elementos relacionados com o tropeirismo, identificando-se os lugares de memória como também informações sobre fontes bibliográficas. Com o levantamento desses dados, foi possível a elaboração de um mapa voltado para a temática tropeira.

Na última parte do trabalho tecemos considerações finais sobre o movimento tropeiro no Extremo Sul Catarinense e descrevemos os resultados obtidos com a pesquisa. Em um mapa, foram analisados os dados colhidos em campo, fontes orais e referenciais bibliográficos que resultaram na elaboração final do trabalho.

1.2 METODOLOGIA

O processo de pesquisa passou por algumas etapas. Inicialmente foi elaborado um levantamento bibliográfico buscando conhecer a bibliografia existente ao tema na região e no país; compreender como a história conceitua o movimento tropeiro e como o localiza o tema. Posteriormente foram realizadas saídas de campo com dois objetivos: identificar os lugares de memória e, em seguida, entrar em contato com os órgãos municipais responsáveis para obter informações sobre fontes que estariam relacionados com o tema e inseridos nos municípios do Extremo Sul Catarinense.

Sabendo-se que na região delimitada para o estudo o tropeirismo foi relevante em alguns municípios, onde podemos encontrar algum tipo de bens remanescentes. Fez-se a visita aos locais para fotografar e obtermos informações. Percebemos durante a pesquisa que esse movimento de passagem apresentava outros lugares que começavam a aparecer nesse contexto, então procuramos fazer esse levantamento através de outras fontes, como as orais e as bibliográficas desses lugares de memória que apresentam grande potencial cultural. Assim, procurou-se utilizar a memória como uma das fontes, além da bibliográfica.

Nas entrevistas, realizadas de acordo com a técnica da história oral, buscaram-se os cuidados necessários descritos por autores como Paul Thompson (1992), o qual diz que o primeiro ponto para a pesquisa é a preparação de informações básicas por meio de leitura ou de outras maneiras.

Através das entrevistas e dos dados obtidos nas pesquisas bibliográficas, foi possível realizar um direcionamento para o trabalho sem deixar de lado a possibilidade de surgir novas questões a serem pesquisadas futuramente.

Como parte da pesquisa foi realizada coletas de material fotográfico, pontos estratégicos com GPS e entrevistas, materiais estes que contribuíram para o desenvolvimento de um mapa apresentando todos os registros obtidos que fizeram parte da história do tropeirismo na região. Após coletar esses materiais que remetem sua importância cultural e histórica para o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível, como plano de ação, fazermos o trajeto e o reconhecimento de algumas das principais rotas comerciais, para que assim pudéssemos ter a ideia das dificuldades que os tropeiros da região enfrentavam em suas viagens.

Narrativas que atualizam uma suposta “identidade” histórica dessa região e sua importância na história local e regional servem como suporte para construção desta pesquisa. Porém, os agentes sociais envolvidos apropriam-se das representações correntes sobre o tropeirismo de modos diversos, resultando desse processo novas contextualizações sobre os espaços pesquisados com relação ao fenômeno que ainda vive na memória das pessoas. A fim de uma remontagem histórica revelada nos depoimentos e na valorização do sentimento de identidade comum, Thompson (1992) diz que, “para uma comunidade ameaçada, a memória deve servir para acentuar um sentimento de identidade comum, de modo que episódios de divisão e de conflito caiam no esquecimento”.

Quanto às questões do discurso dos próprios moradores, podemos citar Bourdieu, quanto diz:

O discurso regionalista é um discurso performativo, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada e, como tal, desconhecida contra a definição dominante, portanto reconhecida e legitimada (BOURDIEU, 1989, p. 116).

Portanto, procurou-se estabelecer e utilizar os melhores métodos para que este Trabalho de Conclusão de Curso pudesse dar visibilidade aos bens remanescentes encontrados sobre o tropeirismo na região do Extremo Sul Catarinense.

2. CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

É necessário que tenhamos um ponto de partida. Alguns conceitos são fundamentais e norteiam a pesquisa sobre tropeirismo, estes são avaliados por alguns dos principais autores que os estudam. Conceitos como território, processo civilizador (civilização) e colonização, estão presentes nos mais diversos temas e compreendê-los significa ampliar uma linha de raciocínio sobre nossa história, como também, sobre assuntos básicos do nosso cotidiano.

Sobre o conceito de Civilização e Processo Civilizador, Norbet Elias (1994, p. 53) apresenta o conceito de civilização, expressa em uma cadeia de lentas transformações dos padrões sociais de auto-regulação. Trata-se, essencialmente, de um processo de longa duração, o processo civilizador é aquele que caminha “rumo a uma direção muito específica” (ELIAS, 1994, p. 193), não de forma linear e evolutiva, mas de modo contínuo, com impulsos e contra-impulsos alternados.

O conceito de território tem sido discutido e desenvolvido por diferentes abordagens, onde cada autor vai definir sua linha de pesquisa conforme seus métodos e concepções de interpretação da realidade. Esta crescente discussão sobre o conceito de território é realmente interessante, abre-se um leque para uma discussão a qual o leitor pode se ver dentro das relações de poder que formam este conceito.

Deve-se ressaltar que, dentro da geografia, os conceitos tornam-se importantes e seus papéis também devem ser ressaltados, pois é nesta etapa que se percebe até que ponto a discussão realmente tem sentido, tanto quanto como poder de ação quanto aplicado como um instrumento de leitura da realidade. Raffestin (1993) afirma que a produção do território se dá pelas relações de produção, conseqüentemente as relações de poder, do Estado ao indivíduo, através de malhas, nós e redes, como podemos ver na seguinte citação:

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. [...] o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder [...] (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

No trabalho apresentado por Tiago Roberto Alves Teixeira (2009), “O Conceito de Território como categoria de Análise”, é ressaltado que muitos autores têm perdido o foco do estudo conceitual de território. Alguns analisam como não sendo o território em si, mas sim as relações de poder que irá formá-lo, pois são as relações de poder que vão

territorializar espaços imprimindo características e objetivos, portanto a análise deve estar centrada nos fatores locais e suas relações.

Outra importante contribuição é a de Saquet (2007), ao concluir ser o território uma abordagem simbólico-cultural e histórica na relação econômica, política, cultura e natureza. Sobre o conceito, discute a importância de, em um estudo empírico territorial, abordar as dimensões econômicas, políticas e culturais, sem deixar de lado a dimensão natural no processo de apropriação do espaço por meio das relações de poder necessárias para a sobrevivência – é o acontecer de todas as atividades no cotidiano produzindo o território.

Por essa abordagem e concepção material, uma dimensão fundamental e quase negligenciada em estudos territoriais ou tratada comumente como base física, é a natureza exterior ao homem. Assim merece atenção sem a pretensão, evidente, de esgotar a temática. Nos processos territoriais, as dimensões da E-P-C-N estão sempre presentes, de uma forma ou outra. Talvez, possamos avançar a partir do exposto, sobretudo a partir da possibilidade de se considerar, na natureza do território, a natureza (SAQUET, 2007, p. 172).

Nas diversas leituras que abordam histórias do nosso país, de modo geral, no período colonial, geralmente está inserido o conceito de colonização. Embora algumas considerações apareçam em análises setoriais da vida econômica do país. Esse sistema colonizador implica nos elementos formadores do Brasil Moderno.

O resultado obtido na discussão conceitual apontada por Novais (1969, p. 254), que define colonização como:

Colonização significa, no plano mais genérico, alargamento do espaço humanizado, envolvendo ocupação, povoamento e valorização de novas áreas [...], mais estritamente, como processo criador de colônias, essas novas regiões configuram, entidades políticas específicas (colônias), que se definem na relação bilateral metrópole-colônia.

Entretanto, Novais (1969) aponta para dois sentidos básicos que movimentam o processo europeu no mundo, delimitando estas duas categorias como fundamentais para o surgimento das colônias: de Exploração e Povoamento.

Tudo que o homem produz acaba, de certa forma, por tornar-se cultura, conseqüentemente, toda essa cultura então torna-se um patrimônio. Esse patrimônio cultural acaba sendo passado para as novas gerações através de várias formas e meios. Nos tempos antigos em que a escrita ainda não se fazia presente, a cultura era transmitida pela oralidade, pelos contos, pelas músicas, nos rituais, e também através das pinturas rupestres. Posteriormente, passou a ser caracterizada através das construções como na Roma Antiga, Grécia, Egito, entre outros. O desenvolvimento da escrita possibilitou ‘gravar’ os

patrimônios em documentos e relatos. Sendo assim, todos esses meios dão continuidade à cultura, enfatizando a necessidade da identidade como formadora do sentimento de pertencimento do indivíduo à uma determinada sociedade na qual está inserido.

Nossa memória nos permite absorver e armazenar muitas informações, através dela pode inserir uma construção sobre identidade, já que os sentimentos de pertencimento e de continuidade caracterizam e identificam o indivíduo tanto na sua memória individual quanto na comunidade, através de suas memórias coletivas. É transmitida de geração para geração, fazendo com que essa identidade permaneça viva a partir da memória.

Quando falamos de identidade, acabamos por abrir um leque de possibilidades de estudos, portanto, ficamos mais centrados aqui no que diz respeito ao modelo cultural e patrimonial.

Quanto à identidade, ela pode nos fazer únicos como indivíduos, como também acabam nos inserindo em grupos.

Enquanto representação social, a identidade é uma representação simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade (PESAVENTO, 2005, p. 89-90).

A identidade cultural também é retratada como sendo uma forma de identidade coletiva, suas características atribuídas através da memória nos identificam e nos inserem em um determinado grupo, as relações sociais existentes e os mais variados valores simbólicos acabam por estabelecer uma espécie de comunhão entre os indivíduos de uma comunidade.

Dizendo em outras palavras o patrimônio histórico-cultural, tomado como um dos suportes da memória coletiva, produz identidades sociais que são determinantes nos modos como os homens se apropriam da realidade que os cerca, apresenta e luta por suas ideias, identificam-se com certas propostas, recusam outras (SALVADORI, 2008, p. 31).

Dessa forma, é possível afirmar que a memória e a identidade estão diretamente ligadas com o meio em que vivemos, esta interação pode ser encontrada nos relacionamentos sociais que utilizam manifestações artísticas, festivas e na própria identificação com as edificações históricas que, de certa forma, caracteriza o espaço físico das comunidades.

Considerando o Patrimônio Cultural presente na herança material e imaterial deixada pelas populações históricas do passado, percebe-se um crescente número de cidades que buscam sua identidade e repertório patrimonial. Para tanto, busquei abordar diferentes

manifestações em que o tropeirismo está representado nos espaços destas cidades localizadas no Extremo Sul Catarinense. Trata-se de manifestações que pautam as construções, vias de locomoção, atribuições de significados e a divulgação do que essa influência do tropeirismo transformou em âmbito regional. Um contexto em que a criação de elementos da cultura material contemporânea toma lugar na cena dessa construção, como representação do passado idealizado.

2.1 O MOVIMENTO TROPEIRO NO BRASIL

Faz-se necessário, neste momento, uma breve contextualização sobre como irá se desenvolver um dos mais importantes ciclos da história do Brasil, como também do surgimento desse elemento integrador de culturas e de regiões, O Tropeiro. Neste sentido, nos apropriamos destes conceitos inseridos na própria essência da história, fazendo ligação direta com o objeto de pesquisa.

Limitado ao litoral brasileiro durante o século XVI, a colonização portuguesa via a necessidade de iniciar um processo de expansão territorial que de fato era de seu direito devido ao tratado de Tordesilhas. Vários fatores foram determinantes visando o aumento da economia colonial, basicamente, da exploração do Pau Brasil, que nesse período era o recurso econômico mais importante e a primeira grande riqueza explorada em solo brasileiro.

No século XVII teve início esse processo, o interior era algo desconhecido e sua ocupação seria um fator importante para as atividades de integração econômica possibilitando interligar as diversas regiões. A cana de açúcar transformou o litoral do nordeste na mais importante região econômica da colônia. O processo de interiorização teve como fator principal a economia canavieira, logo era preciso realizar a expansão da pecuária, que foi responsável pelo povoamento do sertão nordestino. Mais tarde, as tropas de muares e gados foram fundamentais para o povoamento do sul e ao mesmo tempo das regiões que tiveram suas atividades voltadas para a mineração. Em função dessa atividade, várias vilas e cidades foram fundadas, possibilitando assim as posses territoriais da coroa portuguesa, que no processo de interiorização se apropriou de terras pertencentes à Espanha.

Vários fatores determinaram esta dispersão do povoamento; o primeiro é a extensão da costa que coube a Portugal na partilha de Tordesilhas [...] em seguida, para a expansão interior, dois fatores essenciais: o bandeirantismo preador de índios e prospector de metais e pedras preciosas, que abriu caminho, explorou a terra e repetiu as vanguardas da colonização espanhola concorrente; mais tarde, a exploração das minas, descobertas sucessivamente a partir dos últimos anos do

século XVII, e que fixou núcleos estáveis e definitivos no coração do continente (PRADO JR., 2006, p. 37).

A pecuária desenvolveu e favoreceu a ocupação da região sul da colônia. Do Rio Grande do Sul, o gado era levado para seu principal mercado, a região mineradora, além de abastecer outras regiões. Portanto, a pecuária destaca-se como um dos importantes eixos de integração econômica ao ligar diversas regiões, assim como a ocupação das mesmas.

A mineração, fator que proporcionou a ocupação do interior do Brasil, também contribuiu para que ocorresse o surgimento de novas ideias pelas quais ocasionariam algumas transformações nos setores econômicos e sociais, além do próprio desenvolvimento dessas regiões que a partir deste momento histórico passam a ter maior importância devido às novas economias por elas geradas, proporcionando resultados dos investimentos e das explorações realizadas pelos colonizadores.

Portanto, podemos dizer que a mineração marcou a economia brasileira do século XVIII. Sendo que as primeiras jazidas foram encontradas em Minas Gerais. Esta atividade, conhecida como o “Ciclo do Ouro”, trouxe vários aspectos importantes para o desenvolvimento do país, transferindo assim o eixo econômico do Nordeste para o Centro-Sul. Com a exploração de jazidas, a região sul passou a interessar ainda mais aos portugueses. Os sulistas criavam gado bovino para produção de carne e couro e animais utilizados para tração ou transporte, que iriam abastecer a região mineradora.

Foram abertos caminhos pelo interior ligando o Sul até São Paulo, desses caminhos foram nascendo vilas e cidades onde o gado era comercializado. Foi assim que surgiu o tropeiro, indivíduo responsável pelo transporte do gado que abastecia as ricas Minas Gerais.

O movimento tropeirista, cujo termo deriva de tropa, além de ser uma atividade desenvolvida basicamente por grupos de homens, também ficou caracterizado como um ciclo econômico de longa duração que abrangeu um período que se estendeu desde o fim do século XVII, quando não havia estradas, apenas trilhas ou caminhos abertos pelos nativos, até as primeiras décadas do século XX, quando teve início a implantação dos meios de transportes mais modernos, como, por exemplo, a ferrovia.

Aluísio de Almeida (1971), a palavra tropa define um rebanho ou multidão, portanto, animais ou humanos, embora a denominação tropa passasse a se restringir, com o tempo, no Brasil, aos rebanhos de equinos, muares e asininos.

Os tropeiros conduziam o gado do Rio Grande do Sul para Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e, ao mesmo tempo, levavam consigo bens essenciais para o interior. Ao longo do caminho das tropas, do sul até São Paulo, surgiram vários povoados.

Além disso, o pouso de tropas e a busca de novas pastagens deram origem a vilas, que com o tempo foram transformando-se em cidades.

Devido às transações comerciais realizadas nos centros urbanos que estavam em crescente formação e por compreender grande movimentação no deslocamento desses rebanhos de regiões distantes, esse movimento tornou-se um importante fator de formação sócio-político-econômica das regiões que abrangeu, como também intensificou os meios de comunicações e ampliou as diversidades socioculturais quando integrou regiões. Razões pela qual é considerado uma das atividades mais relevantes da nossa história.

É aqui que se introduz o elemento “tropeirismo”, que foi um sistema social de extrema importância para a expansão e ocupação do território brasileiro. Podemos dialogar sobre algumas definições que ampliarão nossos horizontes sobre esse movimento. Segundo Straforini (2001, p. 21):

Homens cruzavam o interior do Brasil, estabelecendo rotas, trilhas, na busca dos muares (burros, mulas) e na utilização destes como meio de transporte. Nos seus lombos foram transportados de tudo um pouco. Uma complexa divisão social e territorial do trabalho se formou comandada pelos interesses de criar, vender, negociar e tanger esses animais, proporcionando assim, o surgimento de inúmeras vilas que, mais tarde, se tornariam cidades.

O tropeiro, segundo Almeida (1971), seria aquele que com alguma tropa carregava gêneros da terra, fazendo suas jornadas de cidade a vila, de povoado a povoado, transportando também cavalos, bois, muares ou até porcos, acrescentando a tudo isso a ideia de rebanhos em marcha para a feira ou matador. Flores (1998) também comenta sobre o tropeiro, a dificuldade em precisar o significado do termo, pois foi empregado tanto para atividades com animais de cavalgadura como bovinos. Em seu dicionário, na edição de 1861, Eduardo de Farias define tropeiro como sendo aquele homem que viaja com cavalgadura de carga.

Nesse sentido, o tropeirismo de fato foi um sistema racionalmente organizado para fazer chegar os produtos aos portos, como o ouro de Minas Gerais, o açúcar do interior paulista e, posteriormente, o café. O tropeirismo organizava-se de forma singular, pois envolvia uma vasta porção do território brasileiro, numa nítida divisão territorial e social do trabalho.

Quanto ao espaço catarinense, este teve um processo de ocupação lento e diversificado. Fatores geográficos, políticos e econômicos contribuíram para que o processo colonizador durasse três séculos.

O litoral teve as primeiras povoações permanentes no século XVII, fundadas pelos Vicentistas. Açorianos e Madeirenses vieram no século seguinte, reforçando o escasso contingente.

No planalto, no século XVIII, paulistas fundaram fazendas e a vila de Lages, trilhando o Caminho das Tropas, estabelecendo um baluarte contra o avanço espanhol. No século XIX, imigrantes europeus ocupavam o Vale do rio Tijucas, do Tubarão, do Itajaí, da Cachoeira e outros. No século XX, com a definitiva incorporação do Oeste ao nosso estado, procedeu-se a sua ocupação por populações vindas principalmente do Rio Grande do Sul.

A ligação entre a serra e o mar, vem, certamente, de tempos imemoriais. Em um tempo sem estradas, carros e caminhões, o tropeirismo foi de grande importância para a integração regional. Ruschel (2004) esclarece que entre o litoral e a serra dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a figura do tropeiro foi de fundamental importância para a integração no Sul do Brasil.

No rastro dos tropeiros surgiram fortes centros comerciais, centenas de atalhos, trilhas e estradas que certamente originaram muitas vilas ou cidades. Portanto, para uma aproximação e incursão nesse universo vivenciado, discute-se se o movimento tropeirista pode ser considerado como uma configuração social dentro do estado de Santa Catarina.

Em Santa Catarina, o tropeirismo tem sido fomentado, cultuado e cultivado como uma das mais ricas tradições quase que só nas áreas dos campos de cima da serra, como Lages, Curitibanos, Campos Novos, esquecendo-se que, mais ao norte a mesma estrada das tropas que cortava este trecho de campos alcançava a Serra do Espigão e atravessava igualmente o Planalto Norte pelos Campos da Estiva, assim cortando o espaço livre do Contestado, fenômeno que se verificou também com os caminhos alternativos e as veredas das Missões, a ocidente, até o Extremo Oeste, e a oriente, alcançando o litoral.

Entre outros registros sobre a abertura dos “caminhos” no sul e Extremo Sul do Brasil, objetivando sua ligação com São Paulo e demais centros comerciais, haviam rotas já usadas na antiga picada aberta pelos bandeirantes, entretanto, os tropeiros também transportavam rebanhos pelo litoral catarinense.

Na tese de Herberts (2009), encontramos relatos desses caminhos no Extremo Sul de Santa Catarina:

A abertura dos primeiros caminhos no sul do Brasil remonta ao final do século XVII e início do século XVIII. O primeiro caminho utilizado para o comércio de animais foi o chamado de Caminho da Praia, aberto no século XVII. Este seguia pela costa marítima, ligando a colônia de Sacramento, no Uruguai, até laguna e, deste porto, até as capitânicas do Rio de Janeiro e São Paulo por via marítima. Seguindo pelo litoral, o traçado era realizado cruzando o Chuí, o canal do Rio

Grande e atravessando os rios Tramandaí, Mampituba, Araranguá e Tubarão. Em outra versão do roteiro, o caminho da praia ia até São Francisco do Sul e, deste ponto, a tropa seguia para os campos de Curitiba pelo caminho dos Ambrósios. De Curitiba até Sorocaba, continuava pelo caminho já existente desde pelo menos 1704, conhecido como Estrada de Sorocaba (JACOBUS apud HERBERTS, 2009, p. 123).

Vindos do sul, desde Laguna, alcançavam São Francisco pelo “Caminho da Praia” (aproximadamente no atual traçado da BR 101). Daí prosseguia a viagem pelo Porto de Saí ou pelas Três Barras, no fundo da Baía da Babitonga, em direção aos Campos dos Ambrósios (via Campo Alegre). Destes campos, o gado era encaminhado em direção Oeste por uma trilha que seguia o rio da Vargem e Iguaçu e, após atravessá-lo, seguia para Pinhais e Campos Gerais.

O transporte dos rebanhos pelo litoral, entre os morros e as praias, era penoso e quase impraticável de ser percorrido desde Laguna até a Babitonga, o que ensejou aos exploradores a abertura de um novo trecho entre Laguna e os Campos de Lages pelo Araranguá, este que veio a ser conhecido como “Caminhos dos Conventos” e, de Lages até os mesmos Campos Gerais (no Paraná), pelo Planalto Catarinense. Antes dessa nova via de acesso o comércio já era frequente, como podemos ver:

O comércio do gado já existia na Colônia do Sacramento, de onde os portugueses se aproveitavam para roubar reses, colocadas pelos castelhanos nas campanhas vizinhas; tirando o couro e peles, exportavam-nos para os mercados de São Vicente [...] esse foi chamado o ciclo do couro, que depois foi substituído pelo do gado, foi o transporte desse gado que levou os portugueses a construírem a primeira estrada entre a Colônia do Sacramento e a vila de Laguna, de onde era embarcado e levado por mar até aqueles portos (LEMOS, apud THOMÉ 1977, p. 25).

Sobre o caminho dos conventos, Herberts (2009) aponta que essa rota teria sido uma das primeiras a ser aberta fazendo essa ligação entre litoral e planalto:

O primeiro traçado foi o caminho dos conventos, aberto em 1728, pelo sargento-Mor Francisco de Souza e Faria, que ligou o litoral aos Campos de Cima da Serra, impulsionando as incursões exploratórias na região serrana de Santa Catarina que na época pertencia a capitania de São Paulo. Pelo vale do rio Araranguá, o caminho dos conventos partia da Vila de Laguna e ultrapassava a Serra Geral, penetrava nos Campos de Cima da Serra e seguia em direção aos campos naturais que se abriam até a vila de Curitiba, continuando no trecho já existente até Sorocaba (HERBERTS, 2009, p. 123).

A vida do tropeiro não era fácil, viajavam grandes distâncias, durante semanas seguidas, conduzindo gigantescas tropas de gado como também diversas mercadorias. Os veículos não eram mecanizados e nem tracionados por animais, mas pequenas mulas, que cumpriam com valentia o trabalho.

A saudade da casa, a falta de notícias da família, o sofrimento físico no caminho, os penosos trajetos, tudo fez parte da vida dos tropeiros, homens que arriscavam suas vidas para impulsionar o desenvolvimento do Brasil.

Através do tropeirismo, não só mercadorias foram transportadas. Mas também pessoas, ideias e culturas. Além disso, nas rotas dos tropeiros cidades foram criadas, organizou-se o comércio e facilitou a comunicação entre vários pontos do Brasil, estabelecendo uma forte integração regional entre serra e mar que influenciou significativamente na formação dos municípios do extremo sul catarinense.

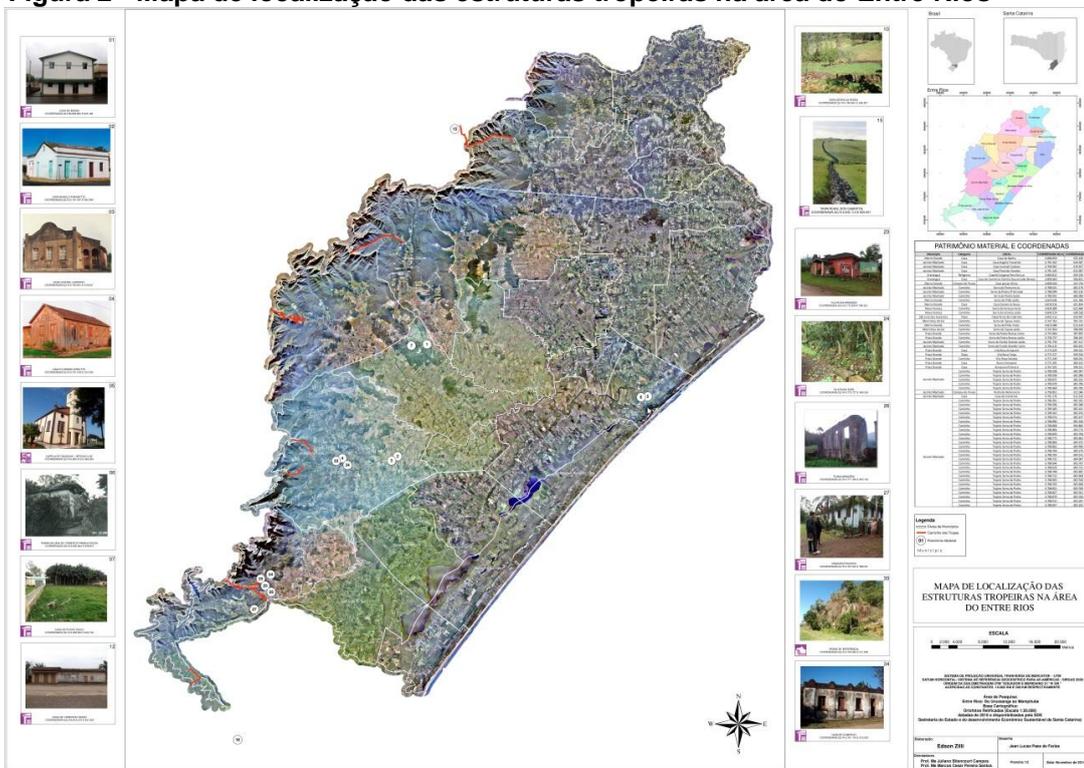
3. TROPEIRISMO NO EXTREMO SUL CATARINENSE

Afinal, quantos sentidos podem abarcar um caminho? Mais do que um desenho no território, ele torna-se pontos que, postos em relação, encontrarão novas trajetórias e nelas iniciarão um deslocamento de fluxos viários (pessoas, animais e mercadorias), e este caminho acaba por se estabelecer não só no espaço, mas também no tempo.

Portanto, sempre que se “abre um caminho”, é possível que nesse percurso tenha-se uma transformação de sua paisagem bem como de suas relações sociais e econômicas entre os possíveis pontos que irão tocar no seu trajeto.

Dentre a área de estudos que foi realizado a pesquisa, vários aspectos foram encontrados que demonstram alguns bens remanescentes do tropeirismo no processo que influenciou na formação de algumas das principais estradas que ligam o Litoral com os campos de Cima da Serra, como na formação de alguns dos municípios do Extremo Sul Catarinense. Os dados obtidos configuraram na elaboração do Mapa prancha 1 (Anexo 1) figura 2, que segue:

Figura 2 - Mapa de localização das estruturas tropeiras na área do Entre Rios



3.1 ARARANGUÁ

Provavelmente, os primeiros assentamentos de Laguna aos Campos de Cima da Serra tenham mesmo ocorrido não muito tempo após a abertura do histórico Caminho dos Conventos. Tudo começa por volta de 1728, quando teve início esse processo. Fator este decisivo para a formação do município de Araranguá e demais regiões do Extremo Sul Catarinense.

O Sargento-Mor Francisco de Souza Faria foi o principal nome e responsável pela abertura do Caminho dos Conventos. Eis um relato que descreve com riqueza de detalhes este que é considerado um marco na história de Santa Catarina.

[...] Saindo da Laguna marchei com toda a tropa pela praia a buscar o rio Araranguá, e nele o sítio a que chamam os Conventos, distante da Laguna, e ao sul dela pouco mais de 15 léguas. Neste sítio, em 11 de fevereiro de 1728, dei princípio ao caminho rompendo mato fechado, e dando a pouco mais duma légua com um pântano, que teria meia légua de largo, em que foi possível fazer-lhe uma boa estiva para podermos passar; passando ele, dei quase a meia légua com um grande ribeirão que deságua no Araranguá, que se chama Cangicaçu, e como não dava vau lhe fiz uma boa ponte de 12 braças e meia de comprimento e braça e meia de largo. Entre os morros achei um espigão por onde subi com toda a tropa depois de 11 meses de contínuo trabalho, fazendo o caminho atalho aberto, e é o único por onde se pode subir a serra. Desde os conventos até o sítio que terão 23 léguas tudo são matos, e terras alagadiças [...]. Subida a serra dei logo em campos e pastos admiráveis e neles imensidade de gado, tirados das campanhas da nova colônia, e lançados naqueles sítios pelos Tapes das aldeias dos padres jesuítas no ano 1712 [...] (HOBOLD, 2005, p. 72-73).

Alexandre Rocha, historiador de Araranguá, entrevistado no dia 11/09/2014, relata em um de seus trabalhos destacando-se ao novo caminho que entrava no costumeiro uso dos viajantes tropeiros, esse que impulsionava o desenvolvimento da região Sul. Contudo, Araranguá ganhava uma luz no destino e se destacava como um ponto conhecido no imenso território de Santo Antônio dos Anjos de Laguna. A cada ano aumentava o número de tropeiros que se serviam dos pequenos recursos oferecidos nas cercanias do Morro dos Conventos antes de seguir o percurso da viagem tangendo os animais. Com a tímida, mas crescente movimentação, o lugar aos poucos foi se transformando também em pouso e ponto de espera. Surgiam assim às primeiras paradas fixas e os pontos de referência dessas passagens ficavam cada vez mais conhecidos. Pequenos negócios começavam, timidamente, prestando serviços que atendessem aos fregueses da tropearia. A chegada dos viajantes sinalizava algum negócio, e como o dinheiro era escasso tudo funcionava praticamente na base da troca, quando uns cobriam as necessidades dos outros. Dali saía a farinha, de mandioca e de milho, produzidas em pequenos engenhos rudimentares, sal e peixe escalado, recebiam charque, queijo, salame e pinhão. Estariam assim abastecidos os

habitantes no que seriam pequenos armazéns. Estes recursos, somados a criação de animais para o trabalho, locomoção, abate, viria aos poucos atender as necessidades mínimas dos pioneiros. Durante anos e anos o lugar via chegar novos moradores. Nestas condições, aos poucos, se desenvolvia o primeiro núcleo de moradores, a primeira povoação que um dia seria Araranguá.

Na medida em que um determinado lugar começa a ganhar destaque, primeiro através de suas rotas e vias de acesso, depois um núcleo povoador se estabelece e tudo ao seu redor modifica-se proporcionando o surgimento de novos moradores e esses desenvolvem estratégias que minimizarão suas necessidades através de suas relações pessoais.

Na localidade de Cangicas, um destes importantes moradores e comerciantes foi João Bento de Souza. Suas filhas, Cantídia de Souza e Máxima de Souza, entrevistadas em 05/12/1985 pelo Padre João Leonir Dall’Alba, no livro “Histórias do Grande Araranguá”, relatam que:

Meu pai, o João Bento deu um grande impulso à vila de Cangicas que era muito pequena quando chegou aqui. Havia uma pequena capela de madeira, ele fez a capela de material, com torre e sino, teriam sido os padres jesuítas que fizeram a primeira capela, [...] A Cangica (atual Hercílio Luz) quase inteira era dele [...] naquele tempo passavam navios e logo teve uma freguesia muito grande [...] vinham serranos com tropas. Traziam charque, maçãs e queijo. Ficavam um mês por aqui. Levavam de tudo que precisavam. Havia um paiol para pouso, com três quartos. Muitos comiam aqui em casa. De toda parte vinha gente. Era uma loja de muito movimento (DALL’ALBA, 1997, p. 233-234).

Nesta antiga casa de comércio da família Souza (Figuras 2 e 3), é possível ver ainda hoje aos seus redores a preservação das matas que era a principal fonte de matéria utilizada como mão de obra pelas irmãs que produziam artesanatos, tendo em vista que as áreas ao seu redor estão sendo utilizadas pelo cultivo rural. Nos relatos de moradores, essas irmãs eram misteriosas, pois nenhuma das três teve vidas conjugais e nem se casaram, apenas saíam de casa para cumprir seu dever cívico de votar.

Figura 3 - Ruínas da casa comercial Família Souza



Fonte: Alex Rocha

Figura 4 - Atual casa localizada no terreno da Família Souza



Fonte: Do Autor

Atualmente, registra-se no local deste antigo comércio uma residência, onde infelizmente não conseguimos contato com o atual proprietário.

O comércio de João Bento de Souza certamente foi de extrema importância para o tropeirismo, situava-se num lugar estratégico que atendia tanto as tropas quanto negociantes vindos de navios e barcos. Visitando o local percebemos que o antigo armazém ficava as margens do rio Araranguá (Figura 4), na localidade de Cangicas, atual Hercílio Luz.

Figura 5 - Rio Araranguá



Fonte: Do Autor

Figura 6 - Capela situada na localidade de Cangicas (Hercílio Luz)



Fonte: Do Autor

Cangicas, atual distrito de Hercílio Luz. Seu acesso é possível percorrendo uma estrada de chão batido numa área basicamente rural, em meio a plantações, sendo completado com a presença do rio Araranguá. Na chegada ao distrito, é possível visualizar uma pequena praça e a igreja (Figura 6). Em 11 de janeiro de 1816 era inaugurada a primeira capela de toda a região.

Segundo os moradores mais antigos que residem em Hercílio Luz, o João Bento (antigo comerciante da região) teria reformado a antiga capela que se acreditava ser construída pelos Padres Jesuítas e onde existia uma imagem de São Bom Jesus. Teria, ainda,

fundado a irmandade do Sagrado Coração de Jesus, o povo era devoto de Bom Jesus. A festa principal é dia 6 de agosto, dia em que se comemora o padroeiro São Bom Jesus.

Nestas conversas, percebe-se que esta capela significa muito para a região, é uma das mais antigas e está prestes a completar seu bicentenário. Antigamente realizavam procissões diurnas e noturnas, leilões com criação de perus, leitões, carneiros, vinham bandas de outras cidades, este povo, ao que se sabe, ocupava-se, inicialmente, da pesca, exploração de madeira, agropecuária e agricultura de subsistência. Distante de outras localidades, tudo o que a pequena população queria era a implantação de uma capela, fato que consagraria a existência digna de um núcleo populacional cristão.

3.1.1 Araranguá nas entrelinhas

Além das pesquisas realizadas em campo, também foram selecionadas algumas entrevistas cedidas para o Padre Dall’Alba que no seu livro “Histórias do Grande Araranguá” relatam como o tropeirismo agia na região do Araranguá e suas proximidades, certamente esses trajetos tendiam fazer ligação com as localidades próximas à região das encostas da serra e conseqüentemente com os Campos de Cima da Serra.

Na entrevista cedida ao Padre Dall’Alba em 1986 por Fernando Carlos de Souza, na região da Barranca, em Araranguá, encontramos relatos sobre comércios com tropeiros, pois lá havia um galpão situado à esquerda, atrás de uma estação que já foi descascador de arroz, foi granja de aves, até fabrica de banha. Chagavam tropas de serranos para comerciar na Barranca, ou para carregar no trem e ir para Criciúma, Tubarão e Laguna.

Custódio Sebastião de Sousa, entrevistado em 1985, em Morro dos Conventos, diz que na época tudo era mato, só colônia, seu sogro, Valentim Lourenço, morava no Turvo, este tinha alambique, engenho de açúcar, comprava farinha nas areias (Sanga da Toca) para revender aos serranos. O pai, Sebastião Plácido de Sousa, negociava com os serranos, eles vinham em tropas, o mesmo lembra que traziam charque, queijo, massas e levavam açúcar, cachaça e farinha.

Perry Kretschmar Pacheco, entrevistado aos 86 anos em 1986, também em Araranguá, relata sobre a antiga Estrada dos Conventos que a subida da serra era logo para o norte, viajou em 1921, do Turvo, por dentro do mato a estrada era cheia de fojos pelo contínuo patear dos cavalos, a subida da serra era um carreirinho, lamentava pelas mulas que levavam carga. Depois de um ano e meio, em 1923, já havia estrada que partia da balsa do Jundiá, pela Boa Vista, Tranqueira, Amola Faca e saía embaixo da serra, era uma estrada de

rodagem aberta à picareta para subir a estrada da Rocinha. No município havia a Rocinha, a Pedra, o Pinheiro e Faxinal, como subidas de serra, mais a de Nova Veneza.

Percebemos que diversos locais possuíam vestígios de que esse intenso movimento tropeiro tenha acontecido em vários pontos da região, como pontos de comércios ou simplesmente vias de passagens.

Pedro Marto Pereira, entrevistado aos 78 anos em 15/11/1985 em Araranguá relata que muita gente chegou de cargueiro, talvez pela estrada dos tropeiros, conta que jesuítas chegavam com cargueiros de ouro. No seu tempo de criança não havia estradas para a serra, eles desciam por um carreiro, traziam tropas de gado, era descido um atrás do outro, tinha vezes que caíam quase todos nos peraus. Para a Guarita, Sombrio, Passo do Sertão, Praia Grande, viajavam por uma estrada só. Na Cidade Alta, havia uma estrada solta de areia, as casas ficavam longe uma das outras. Em Mato Alto, era mata virgem mesmo, havia só trilhos que mal cabia um carrinho de boi, saía na Guarita por dentro do mato. Em Sombrio, tinha umas quatro casinhas, Criciúma era distrito de Araranguá, Jacinto Machado e Turvo era quase só mato, relata que conheceu o Turvo só com três casas.

Pedro Vieira Maciel, entrevistado aos 86 anos em 1986 em Araranguá: a casa de comércio de seu pai, Antonio Vieira Maciel, era uma casa grande, ficava onde hoje é a Turca, o jardim era um grande gramado para acolher as tropas vindas da serra. Seu pai negociava muito com os serranos que vinham comprar mantimentos e trocavam por gado. Sua casa comercial consistia num grande paiol de farinha, um paiol de açúcar, também tinham muito milho e arroz.

Olavo José de Oliveira, entrevistado aos 68 anos em 1985 em Araranguá conta que seu pai, José Francisco de Oliveira, era serrano, ele tinha tafona, armazém e trabalhava na lavoura do outro lado do rio. Olavo relata que a subida da Serra da Rocinha parecia uma escada, o animal ajoelhava para subir os degraus, foi também madrinheiro, subia a pé puxando o cavalo. Para a Capela dos Ausentes demoravam dois ou três dias quando partiam de Bom Jesus, daí pousavam nos Ausentes. No outro dia, pousavam serra abaixo no galpão dos italianos no Turvo de Baixo e das Tranqueiras para pegar o Jundiá onde havia uma balsa e lá comercializavam nas casas de comércio e com os colonos, charque e queijo eram encomendados, na volta levavam açúcar de grana, açúcar grosso, açúcar batido, farinha de mandioca, arame farpado, duas ou três rodas de torresmo, corotes de cachaça. Relata que a dificuldade maior era a descida da serra, porque tropeavam porcos também, conforme o lugar nem dava para descer, caía muitos porcos por lá. Um de seus roteiros de viagem era para o Turvo de Baixo, Turvo de Cima, Pinheirinho, Volta Grande, Serra da Pedra, Engenho

Velho, Tenente, Praia Grande, Passo do Sertão, Santa Rosa, Sombrio, Jacinto Machado, entrava de novo no Pinheirinho, fazia Morro Chato, Rio do Salto, Amola Faca, Morro Grande, Nova Roma, Meleiro, Pique, Jundiá e Maracajá, Barro Vermelho e Cangicas. Era viagem de um mês e meio, dois meses na estrada.

Certamente, podemos perceber que o caminho percorrido pelos tropeiros atravessava grande parte das regiões do Extremo Sul Catarinense e que, nesses locais, há de haver ainda algum bem material que sirva como referência neste contexto. A busca nesses referenciais bibliográficos acaba por abrir um leque de informações que futuramente merece uma pesquisa mais aprofundada nestas localidades em busca de bens remanescentes sobre o tropeirismo.

Antonio Francelino da Rosa, entrevistado aos 85 anos em 1985, na Lagoa da Serra, Araranguá, descreve que o nome Lagoa da Serra deve ser referente à estrada da serra. Essa costeava a lagoa e passava por trás de sua casa. Referência a estrada vinda do sul, que passava pelo estivado, seguia pela costa da lagoa e se abria para o bando dos Conventos. Os serranos, chamados tropeiros de animal cavalariço, vinham de Mostardas e outras localidades e todos esses passavam por essa estrada.

Celestídeo Emerim, entrevistado aos 79 anos em 1986, na localidade de Ranchinho, Araranguá, salienta que ali havia um rancho de palha, certamente feito pelos tropeiros e carreteiros que servia como um lugar de descanso e abrigo. Assim se deu o nome de Ranchinho através dos tropeiros.

Felipe Honorato de Freitas, entrevistado em 1986, em Volta Curta, Araranguá. Segundo Felipe os primeiros moradores desta região foram seu pai, Honorato de Freitas, e seu tio Clarisdino Fernandes, moravam na beira do rio. Antes foi seu avô, Francisco Manuel de Freitas, não sabe ao certo de onde veio. Na região, comenta que ali era só mato, sem estrada nenhuma, só os carreirinhos, na beira do rio havia um carreirinho antigo de tropas. A mandioca e a cana eram a grande produção, tudo se vendia para os serranos, os negócios com eles eram na base da troca, seu pai ia à serra e comprava e engordava gado e porco depois vendia tudo em tropa também.

Antonio Patrício da Silva (Antonio de Sá) entrevistado em 1986 em Barro Vermelho, Araranguá. Relata que seu primeiro comércio foi na Cangicas, com o João Bento e com o velho Brígido. Nesta região, passavam os tropeiros que vinham para Cangicas, Costa da Lagoa dos Esteves e para Araranguá. Alguns iam para Criciúma, entrava na Toca e passava pelo Verdinho ou pelo Morro Albino, esse trajeto foi melhorando e do Verdinho ia

pela Sanga da Pichorra. Mais conhecido mesmo era pelo morro Albino, Morro Estevão, saindo na Quarta Linha.

As localidades situadas nas proximidades do litoral também foram muito importantes para o surgimento dos municípios da região sul, por esta região eram transportados todos os tipos de mercadorias e as relações comerciais com os tropeiros vindos dos campos de cima e próximas às serras, possibilitou uma cadeia de vias terrestres que serviam no sentido de transportar mercadorias como também de estabelecer moradias fixas nestas localidades ao longo do rio Araranguá e interior.

3.2 JACINTO MACHADO

Em Jacinto Machado encontramos trilhas de tropeiros que ligam o município ao planalto e que datam mais ou menos de 200 anos. Uma delas é remanescente do período colonial e foi aberta para o tráfego e muito utilizada para o transporte de mercadorias, chamada Serra da Pedra.

Segundo relato de moradores, o nome “Serra da Pedra” dada à região que hoje compreende as localidades de Serra da Pedra, Costão da Pedra e Tigre Preto, certamente vem da existência, na época dos tropeiros, de uma grande rocha (Figura 6) que abrigava os viajantes que passariam as noites no percurso de suas viagens. A antiga rota certamente passaria pela propriedade do senhor Antônio Cristane, local onde está localizada a Pedra, e faria a ligação entre litoral e planalto. Utilizada como referência para os viajantes, acabou dando nome a toda a região, inclusive à própria serra.

Figura 7 - Pedra que servia de abrigo para os tropeiros



Fonte: Do Autor

Segundo Hobold (2005), no início da colonização, os pioneiros, a partir da foz do Rio Araranguá, foram adentrando a floresta, desmatando para os primeiros cultivos da terra, formando vilas como Capão da Espera (Araranguá), Volta Grande (Jacinto Machado) entre outras. Seguindo o curso do Rio da Pedra, foi aberto o primeiro caminho que permitiria a transposição do degrau de até mil metros de altura da Serra Geral, seguindo original trilha indígena, conhecida como Serra da Pedra ou Caminho dos Conventos. Tornou-se a principal rota de comércio do sul do Brasil, ligando o litoral com o planalto serrano até São Paulo.

Na localidade também foram encontrados registros de casas comerciais que são remanescentes do período em que comerciantes locais realizavam transações com tropeiros que desciam a Serra da Pedra e a Serra do Fundo Grande, utilizadas como ponto de passagem destes tropeiros que seguiam para outras localidades como também em sentido ao litoral.

Figura 8 - Casa de Florindo Soretto



Fonte: Enio Frassetto

Localizada hoje na principal estrada que dá acesso para as Serras da Pedra e Fundo Grande, encontra-se a residência de Florindo Soretto (Figuras 7 e 8), uma casa comercial que vivenciou a prática de troca de mercadorias, sendo muito utilizada nesta região. Não distante dali está a Pedra que servia de abrigo e também de referência para os tropeiros que cruzavam esta região. Atualmente essa residência não existe mais, o local está desocupado e encontra-se, aos fundos, outra residência, mais ao fundo percebemos um grande pátio que segundo relatos também servia de abrigo para os animais que descansavam

do difícil trajeto das serras, pois sua aparência possibilita descrevermos além de uma casa comercial, como também pouso e abrigo para tropeiros.

Figura 9 - Local da residência de Florindo Soretto



Fonte: Do Autor

Figura 10 - Casa de comércio sem procedência identificada



Fonte: Do Autor

A mais ou menos 500 metros da Casa de Florindo Soretto, encontramos as ruínas desta casa (Figura 10), que moradores próximos relatam também ser uma residência de comércio. Tentamos mais de uma vez ter acesso aos atuais proprietários, mas, não conseguimos encontrá-los em sua residência para melhor esclarecimento se esta propriedade manteve relações com os tropeiros na região. As datas que descrevemos em relatos colhidos

em campo basicamente variam entre 1900 e 1960, sendo que muitas dessas regiões comercializavam mercadorias e gado antes dessas datas e posteriormente também. O tropeirismo foi perdendo força a partir do momento que as estradas foram melhorando e foi possível o acesso dos carros de boi e conseqüentemente os veículos motorizados juntamente com a ferrovia.

Figura 11 - Casa comercial de Angelo Frassetto



Fonte: Enio Frassetto

Esta é a casa comercial de Angelo Frassetto (Figura 11), avó de Enio Frassetto. Segundo Enio Frassetto, em entrevista cedida dia 20/09/2014. Relata que em tempos remotos não existiam estradas trafegáveis, o transporte era feito nos lombos das mulas e carros de boi, o tropeiro foi um grande responsável pela chegada de mercadorias vindas dos Campos de Cima da Serra para toda essa região mais ao litoral, como também voltavam abastecidos com produtos que comercializavam aqui. A casa de seu avô foi um local que realizava comércio com tropeiros.

A casa encontra-se em estado de conservação e, como podemos perceber pela fotografia, não deixou de servir ao comércio, essa resistindo ao longo dos anos e às mudanças ocorridas em toda a região.

Figura 12 - Casa de Juvenal Cardoso



Fonte: Enio Frassetto

A propriedade de Juvenal Cardoso (Figura 12), segundo Enio, também foi um local de comércio com tropeiros. As localizações das propriedades que praticavam o comércio situam-se em pontos estratégicos umas próximas das outras. No atual trajeto podemos perceber a rota em que os tropeiros seguiam em direção ao litoral e as Serras, como também os pontos de parada e pouso, demonstrando como era intenso essas passagens pela região.

A respeito da trilha da Serra da Pedra, ela começa na localidade de Costão da Pedra, na propriedade de Zelindo Ronsani, entrevistado dia 16/09/2014. Essa trilha pode ser feita a pé, apesar de muitas pessoas da localidade ainda utilizar cavalos para subir o caminho. Segundo seu Zelindo, o antigo caminho dos tropeiros passava pelo alto da Serra da Pedra, mas esse caminho, em certos pontos, já está se desfazendo, sumindo uma picada aberta por facão, sendo esta a primeira, já que depois abriram outras, como a do Fundo Grande e Tigre Preto. Na propriedade de Zelindo encontramos muitos metros de Taipas (Figura 12), segundo ele, aproximadamente 1.000 metros ao longo de seu terreno, que fica ao pé da Serra da Pedra. Algumas feitas especialmente para assegurar às tropas, seja ela de gado ou porco.

A trilha conta com alguns pontos em seu trajeto que identificam alguma identidade cultural e que faz parte da história local e regional, “Morro Triste”, “Olho d’Água”, “Cruzinha”, seus causos e histórias acompanham a difícil subida de mais de mil metros. O trajeto percorre áreas com matas secundárias, nativas, apresentando diversas

formações florestais desde a Mata Atlântica Sub-Montana, Montana e Matinha Nebular, alcançando os Campos de Cima da Serra.

Figura 13 - Taipas na propriedade de Zelindo Ronsani



Fonte: Do Autor

Figura 14 - Olho da água



Fonte: Do Autor

Figura 15 - Cruzinha



Fonte: Do Autor

No percurso realizado na Serra da Pedra, nos deparamos com um ponto conhecido como “Cruzinha” (Figura 15). Segundo relatos de moradores, esse teria sido o local onde um crime bárbaro teria sido cometido contra uma jovem. Seu corpo teria sido abandonado ali, antigos moradores colocaram uma cruz e batizaram o local.

Outro local conhecido e que também faz parte desta trilha diz respeito ao “Olho d’Água” (Figura 13). Ali nasce uma fonte de água potável, muito utilizada por quem se aventura nessa trilha. São pontos que alimentam a cultura popular regional proporcionando aos aventureiros uma caminhada ao meio da natureza cheia de histórias interessantes.

3.2.1 Relato da trilha Serra da Pedra

Em Outubro de 2014 foi realizado o trajeto correspondente à trilha Serra da Pedra como plano de ação. Visto que a existência dessa via de passagem seria muito antiga e descrita por alguns autores como sendo o Caminho dos Conventos, resolvemos subir a serra para encontrarmos com os remanescentes vestígios desta que serviu como principal via de comércio da região. Partimos à procura da histórica trilha defendida por autores como Hobold e Frassetto como sendo o caminho de Francisco de Souza Faria. Após algumas horas, encontramos a velha trilha, ainda preservada e em uso. O caminho, transformado pelos efeitos da erosão como de elementos naturais, em vários pontos fica quase escondido pela mata, em muitos lugares a altura das paredes é superior a dois metros e meio. O leito é todo acidentado por barrancos e pedras de todos os tamanhos e formatos, em alguns trechos torna-se difícil a subida. Próximo ao meio-dia estávamos nos Campos de Cima da Serra, paramos para o almoço improvisado. Lembramos-nos dos tropeiros e seus momentos de remanso, e de como seria seus percursos ao transportar mercadorias, gado, porcos entre outros mantimentos durante todo esse percurso. Aproveitamos aquele momento longe do agito das cidades para descansarmos na paz daquela natureza exuberante que o local proporciona. Logo organizaríamos a volta. A paisagem no alto da serra, em muitos pontos, não se vê nada além dos morros, a não ser o infinito, algo que nossos olhos de planície não estão acostumados a contemplar. Durante à tarde descemos o caminho num difícil e cansativo retorno. Foi revelador e emocionante tocar naquele patrimônio da história que o tempo guardou como um importante marco em nossa memória. Não somente o tempo, mas as tropas que ainda passam por lá são presenças vivas da história nos dias atuais.

3.3 MORRO GRANDE

Em morro Grande foram importantes as contribuições de Valmir e Edenir Sasso, Pedro Evilázio de Oliveira, tropeiro serrano com 73 anos, Ilário Dal Toé, também tropeiro com 83 anos. Entretanto, a entrevista de Miguel Sasso em 04/12/1986, cedida ao Padre João Leonir Dall’Alba, no livro “Histórias do Grande Araranguá”, possibilitou reforçarmos as entrevistas que confirmam o município de Morro Grande como uma das rotas mais utilizadas pelos tropeiros, principalmente por utilizar de vias em que era possível desviar de pontos que realizavam fiscalizações e cobranças de impostos sobre produtos entre outros que chegavam do estado do Rio Grande do Sul.

Segundo entrevista realizada com Valmir Sasso no dia 18/09/2014, pela região se passavam muitos tropeiros que desciam a Serra do Pilão. Provavelmente porque esse caminho desviava dos cobradores de impostos, as outras serras mais conhecidas, como a Serra do Faxinal, possuíam pontos de fiscalização; então vinham pelo Pilão e comercializavam de tudo com seu pai (Miguel Sasso) que tinha um grande armazém (Figuras 15 e 16).

Figura 16 - Casa de comércio Sasso



Fonte: Do Autor

Figura 17 - Casa de comércio Sasso



Fonte: Valmir Sasso

No município de Morro Grande, mais precisamente em Nova Roma, encontra-se o antigo armazém que pertenceu a Miguel Sasso, único comerciante da região. Atualmente localizado na principal rodovia que liga Morro Grande às localidades das regiões costeiras das Serras e via Timbé do Sul. Foi sem dúvida um dos locais de grande comércio, pois havia em sua propriedade grande potencial de abastecimento das tropas que desciam pela Serra do Pilão como também abrigava os tropeiros que por ali comercializavam.

Segundo Miguel Sasso, entrevistado pelo Padre Dall'Alba em 04/12/1986, no município de Morro Grande, Nova Roma:

As primeiras escrituras de terras fiz em 1928. Vim de Cocal. Já havia moradores, João Longaretti, AntonioVenzon que veio depois. [...] trabalhei com criação de porcos. Teve anos que engordei duzentos porcos. Comprava na serra e levava para Nova Veneza e mais tarde para o Turvo. [...] trabalhei muito com cana. Meu engenho trabalhava o ano inteiro, de Janeiro a Janeiro. Fazia açúcar e cachaça. Vendia para os tropeiros, [...] o movimento para a serra era grande. Às vezes eu tinha no depósito mil arrobas de queijo, até uma casa só para queijo tive que fazer. o serrano preferia fazer troco, dinheiro vinha pouco da serra. Carne charqueada também era em quantidade. Eu tinha uma mesa grande sempre com uma pilha de um metro de altura, ia para toda parte. [...] Até de São Joaquim vinham trazer queijo aqui. Tínhamos açougue. Para o couro tínhamos um tanque apropriado. Nossa casa de comércio era grande e a gente trabalhava dia e noite as vezes. Os tropeiros tinham pressa e queriam partir de manhã cedo, as vezes eram muitas mulas. Porque nós tínhamos de tudo o que o serrano precisava. Eles pousavam aqui. Tínhamos potreiro, galpão de pouso. Nós só pesávamos e eles é que lidavam com as bruacas. Comerciantes éramos os únicos (DALL'ALBA, 1997, p. 353-354).

Em Morro Chato, nas redondezas da casa de Sílvio Magnin, havia uma grande área com pastos que serviam como ponto de parada para os tropeiros (Figura 18), que vinham de Timbé. O local possuía fonte de água por ser margeado por um rio e segundo

relatos de moradores, haviam serrarias, sapatarias e uma Casa de Banha que serviam de alguma maneira aos viajantes tropeiros. Atualmente encontramos ainda boa parte do terreno sem algum tipo de construção. A Casa de Banha (Figura 19) também está em ótimo estado de preservação e ainda está sendo utilizada como residência particular. Ainda na região de Morro Chato foram colhidas informações sobre nomes de pessoas que de certa forma foram importantes na localidade, como o farmacêutico caseiro Alberto Acordi, Mario Zatta, dono da Casa de Banha que possivelmente realizava comércio com tropeiros, Nicomar Sartori e Abeli Olivo. Esses moradores serviam com seus trabalhos aos tropeiros que por ali faziam suas rotas de passagem e parada.

Figura 18 - Campo de pouso Silvio Magnin



Fonte: Do Autor

Figura 19 - Casa de Banha



Fonte: Do Autor

Na localidade de Três Barras entrevistamos no dia 18/09/2014 o tropeiro Serrano Pedro Evilázio Oliveira, de 79 anos. Neste mesmo dia, já no centro de Morro Grande, outra entrevista foi realizada com Hilário Dal Toé, também tropeiro, com 83 anos. Ambas as entrevistas reforçam a importância do tropeirismo para o desenvolvimento da região e o abastecimento de mercadorias para serranos e moradores.

Pedro Evilázio relata que por muito tempo morou nos Campos de Cima da Serra, transportava tropas de gado, de muar, queijo, charque para as regiões abaixo da serra e levava os produtos que precisavam que nessas localidades eram produzidos.

Esta era a casa que ficava nos Campos de Cima da Serra (Figura 20). Muitas foram as viagens pela Serra do Pilão em que sua família, por diversas vezes o acompanhava nessas viagens. Segundo seu Pedro, nesses muros de taipas (Figura 21) eram postos os animais que seriam carregados com as bruacas que serviam de carga para carregamento de produtos.

Figura 20 - Campos de Cima da Serra



Fonte: Pedro Evilázio

Figura 21 - Potreiro de Taipas



Fonte: Pedro Evilázio

Figura 22 - Fazenda de Pedro Evilázio



Fonte: Pedro Evilázio

Hilário Dal Toé comenta que os tropeiros passavam muito por Morro Grande. Hilário também foi tropeiro, e transportou muito gado para cima da serra. Na volta dessas viagens trazia produtos para o consumo familiar. Há algum tempo atrás se faziam esses trajetos transportando gado, hoje, devido aos meios modernos de transporte, não é mais interessante nem lucrativo para ambas as partes esse movimento.

3.4 PRAIA GRANDE

No Trabalho de Conclusão de Curso de Renata Curvino, “A Influência do Tropeirismo na Formação de Praia Grande”, encontramos referências que relatam como o tropeirismo teve papel fundamental para a formação deste município. Visitando o município encontramos locais de memória e bens materiais edificados do período em que um forte comércio e uma rota fluente de passagem se fizeram presente na localidade de Praia Grande e região.

Segundo Curvino (2005), Praia Grande teve influência tropeira direta ou indiretamente sendo muito antiga a integração regional do Caminho das Tropas entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, entre as serras e o litoral desses estados. Segundo Ruschel (2004), em episódio da Guerra dos Farrapos, denominado de “Revolução sobre a Serra”, verificamos que uma das rotas, objeto de estudo, já teria sido utilizada pelas tropas de Bento Gonçalves: “[...] Tomaram a estrada do Faxinal e da beira do Mampituba, passaram o rio Verde e subiram a serra na Picada do Cavalinho, hoje substituída pela rodovia que vai de Praia Grande para o planalto” (RUSCHEL apud RENATA, 2005).

As relações comerciais realizadas no início do século XIX possibilitam o estudo sobre influência na formação deste município. Portanto, a atividade tropeira ganha destaque e o tropeirismo é entendido aqui por:

[...] fenômeno mundial, que apareceu na época em que o principal meio para vencer as distâncias era tração animal. A atividade tropeira pertence à época das trilhas em lugar de estradas, quando os rios eram vadeados nos passos e a produção dos agricultores precisava ser transportada rapidamente a distantes centros consumidores (FLORES apud RENATA, 2005, p. 08).

Curvino (2005) descreve sobre a origem do nome do município de Praia Grande através dos fenômenos que com o passar dos séculos, devido às grandes enchentes, formava enormes despraiados de seixos rolados. Era a grande praia que os tropeiros avistavam quando subiam ou desciam a serra. O município está localizado no Extremo Sul de Santa Catarina, sob os pés da Serra Geral, na fronteira com o Estado do Rio Grande do Sul, num estreito apêndice que avançava pelo território deste estado.

Nas entrevistas realizadas com Suézia da Rosa Pereira (filha de Inácio José da Rosa e Ines Regotti da rosa) e Eva Medeiros de Aguiar, 83 anos (esposa do tropeiro Alodio Silveira de Aguiar), muitos foram os relatos sobre o tropeirismo na região. Suézia comenta que o comércio era tão frequente e importante, que os comerciantes locais buscavam as tropas ainda no caminho para negociarem primeiro em seu estabelecimento. Procuravam se

estabelecer nas proximidades da serra, isso foi possível confirmar através dos registros encontrados de que estas casas comerciais realmente se encontravam próximas as entradas das serras e que houve trilhas que cortavam caminho para chegar à principal rota, sendo descritas por moradores da região.

Figura 23 - Calçada de pedra



Fonte: Do Autor

Na localidade de Vila Rosa, onde se encontra a residência de dona Suézia, encontramos estas pedras (Figura 23) que são do período em que funcionava o comércio no antigo galpão. Servia como calçada para não atolar a entrada do seu armazém. As pedras ainda estão sendo utilizadas como “tapete” de entrada de sua atual residência.

Figura 24 - Pousada em Vila Rosa



Fonte: Do Autor

Ao lado da calçada de pedra encontra-se esta pousada (Figura 24), local que ocupou o antigo galpão. Segundo Suézia, o galpão media cerca de 16 metros por 34 metros, ali eram colocadas as mercadorias, aos fundos tinha um grande espaço para o gado. O armazém também foi ponto de parada dos tropeiros. Nesta pousada, aos fundos, é possível encontrarmos taipas do período em que os tropeiros deixavam o gado no campo para descanso e onde carregavam as bruacas das mulas com produtos que levariam para a Serra (Figura 25).

Figura 25 - Taipas na Vila Rosa



Fonte: Do Autor

Dona Eva relata que na estrada do Molha Coco tinha uma grande casa comercial (Figura 26). Os tropeiros chegavam com tropas de porcos. Segundo Eva, era muito bonito ver as tropas de porcos. Comenta ainda que naquele tempo não havia mercado perto, então era necessário trabalhar também na agricultura. Neste casarão era feito o comércio, mais outras casas e galpões que serviam aos tropeiros e moradores. De uma delas, hoje, só se encontra algumas paredes que servem de referência ao que foi uma grande residência comercial.

Figura 26 - A casa Comercial de Camilo João Ignácio, na década de 1930 e Ruínas da Casa de Camilo, em 2004



Fonte: Luiz Gonzaga Inácio

Pela estrada do Molha Coco, indo para Vila Rosa, encontramos as ruínas do prédio de Camilo Inácio (Figura 26). Hoje um pouco do que resta está esquecido ao meio de um bananal. Tentativas entre os órgãos municipais com o proprietário para preservação destas ruínas estão em andamento com intuito de garantir que essa parte da história do município não acabe sendo totalmente destruída. Percebemos que a técnica de sua construção contrasta com a grandiosidade do comércio com os tropeiros que por toda essa região se fazia presente.

Figura 27 - Casa de comércio Pintada



Fonte: Herom Cezaro

Figura 28 - Casa comercial de Valdomiro Pereira Pinto (Pintada)



Fonte: Do Autor

Na localidade de Pintada encontramos uma grande casa comercial (Figuras 27 e 28), conhecida também como “Secos e Molhados”. Segundo Dona Diva, entrevistada em 02/10/2014, este comércio aconteceu primeiro na Vila Rosa e depois passou para esta casa, que além de comércio também serviu de pouso para os tropeiros. Dentro da residência havia uma escadinha que levava para parte de cima da casa, neste local havia camas, os tropeiros comiam e dormiam com eles. Mais ao lado, uma parte do armazém servia para o comércio, “Secos tecidos e Molhados alimentos”. Tropeiros vinham da Serra do Faxinal e da Serra da Pedra Branca e encontravam grande potencial para comercializar nesta região.

Sobre as principais rotas de ligação que os tropeiros faziam, estão: Serra do Faxinal e Serra da Pedra Branca. A primeira está localizada no Molha Coco e diretamente ligado ao grande comércio tropeiro. Naquela comunidade desenvolveu-se uma intensa rede de estabelecimentos comerciais, como podemos ver na entrevista com Suézia, que comenta sobre as “bodegas”, armazéns de secos e molhados e mercados, esses eram pontos fortes. A tropa descia pela Serra do Faxinal. Suézia lembra muito bem que tinham duas serras ali, mas logo essa serra ficava uma só, ela subia na Vila Rosa e a outra mais para cá perto do antigo Camilo Inácio, ali havia uma subida perto de um CTG existente no local, essa rota alternativa era utilizada para os comerciantes chegarem até as tropas que desciam a serra, assim traziam esses para sua casa comercial, mostrando a concorrência que havia entre comerciantes.

3.4.1 Praia Grande nas entrelinhas

Alguns desses registros comerciais podemos encontrar em entrevistas realizadas pelo Padre João Leonir Dall’Alba, no seu livro “Histórias do Grande Araranguá”. A fonte oral e bibliográfica foi muito importante para descrevermos sobre o município de Praia Grande, as entrevistas realizadas em campo como as referente ao livro do Padre Dall’Alba contribuíram para definirmos esse município como fundamental via de acesso tropeiro, mostrando como era forte o comércio e as rotas de passagens. Estes são alguns dos relatos colhidos do livro de Dall’Alba.

Celina Lima, entrevistada aos 80 anos em 29/07/1986 em Praia Grande conta que seu marido Alberto Lima já conhecia Santa Catarina, viajava com o pai dele para São João do Sul, então Passo do Sertão. “No tempo das tropas de mulas havia um carreiro para subir a serra, chamado Serra do Faxinal”. A família veio de São Francisco de Paula, sua mudança foi transportada em cestos e bruacas, no lombo desses animais descia aquele que Celina chamava “carreirinho de formigas”. Já estabelecidos na região adquiriram selaria com cortume próprio, faziam de tudo para as tropas, colocaram também um armazém com loja de tecidos, isto por volta de 1940.

Gualberto Elias, entrevistado em 1986 em Praia Grande descreve que “Praia Grande teria iniciado mais ou menos em 1917”. Em Vila Rosa, então Molha Coco, havia comércio das famílias Amâncio, Esteves e um morador que veio de taquara conhecido como Tramontin, esse tinha também tafona de milho. “Os comerciantes antigos foram Carlos Inácio, Gervásio Esteves e Luiz Bento dos Santos [...], muitos moradores vieram da serra, de São Francisco e Taquara”. Por esta região se passa a Serra do Faxinal, do Cavalinho e do Faxinalzinho, algumas dessas p percurso só pode ser feito a cavalo. Elias comenta que o comércio teria surgido em molha Coco com Luiz Bento, Manuel Amândio e a família dos Esteves.

A respeito do surgimento do comércio, podemos comparar em ambas as entrevistas que esse foi mesmo um dos pontos fortes que o tropeiro encontrou nessa região.

A Professora Diná da Silva, entrevistada aos 51 anos em 1986, também de Praia Grande, esclarece que “o comércio surgiu mesmo em Molha Coco, com Luiz Bento, Manuel Amândio e a família dos Esteves, era mesmo muito grande o comércio com tropeiros”. Percebemos que esse comércio era passado de pai para filho, assim como o filho de Luiz Bento, Gervásio Esteves de Aguiar, também tinha loja de comércio, entro outros

comerciantes, como Amador Maciel, os Ramos, o pai de José Ferreira e a família dos Alberto Lima.

Durante a pesquisa outros registros foram encontrados de casas que serviam de comércio e também serviam de ponto de parada para os tropeiros (Figuras 29 e 30). Faremos um breve levantamento para podermos dar visibilidade a todos os registros que ligam o tropeirismo com o município de Praia Grande.

Figura 29 - Casa de comércio na década de 1920



Fonte: Eulina Esteves de Aguiar

A casa residencial e comercial de Luiz Bento dos Santos e Ludovina Antônio de Jesus. José Amandio de Lima foi quem construiu esta residência que serviu muito ao tropeirismo por ser uma grande casa de comércio.

Figura 30 - Casarão



Fonte: Paulo Esteves de Aguiar

Figura 31 - Casa Comercial



Fonte: Luiz Gonzaga Inácio

Esta era a casa comercial de Altamar e João Ramos, localizada em Molha Coco, e o Comércio de Gervázio Esteves de Aguiar (Figura 31). São casarões que foram importantes para impulsionar o comércio que já se fazia presente como também a ligação entre a atual Praia Grande e os Campos de Cima da Serra.

Nesses casarões foram comercializados um pouco de tudo, além das tropas de gado, muar, cavalos, porcos, traziam mantimentos alimentícios como charque, pinhão, maçãs e levava açúcar, farinha de mandioca, cachaça. Como ponto de parada também teve sua importância, daqui seguia viagem para outras localidades até o litoral, essas viagens poderiam muitas vezes levar dias até concluírem seu trajeto (Figuras 31e 32).

Figura 32 - Subida da Serra do Faxinal, década 1960



Fonte: Gualberto Elias e Hercília

Figura 33 - Subida da Serra do Faxinal, década 1960



Fonte: Gualberto Elias e Hercília

3.5 SOMBRIO

De tantas histórias sobre o nome do Município de Sombrio, buscamos no livro Sombrio 85 anos. Conforme Farias (2000, p. 31), diante do movimento das águas do rio da Laje, associavam toda massa da água da região do rio, identificando a área de repouso como sendo “sombra do rio”, que evoluiu para Sombrio: local da sombra sobre o rio. Ainda Farias (2000), relata também sobre as passagens dos tropeiros pela região, que ao tangerem o gado pelas trilhas, alimentavam suas boiadas junto à lagoa, antes de se aventurarem na subida da serra, utilizando a sombra das figueiras para repousarem.

Encontramos no Trabalho de Conclusão de Curso de Taise Correia dos Santos (2013), “Patrimônio Material Edificado de Sombrio: Memória e Identidade”, uma casa já centenária que pertence ao Senhor Servando Isoppo (Figura 34), localizada no interior de Sombrio, na localidade conhecida como Garuva. Esta residência possui três andares sendo que o primeiro é todo de pedra e há muito tempo serviu de pouso para os tropeiros que por ali passavam. No segundo andar a casa é toda de madeira e ali ficava a cozinha, sala e um quarto, o terceiro andar é bem baixo, perto do telhado e também servia de quarto.

Figura 34 - Casa Centenária de Servando Isoppo



Fonte: Carlos Paulo dos Passos Matias

Percebemos que o município de Sombrio está estrategicamente situado como local de passagem de tropeiros e que em seu entorno ainda encontram-se locais da época em que gados, porcos, mulas e mercadorias eram transportados por toda esta região interligando os municípios do litoral com os campos de cima da serra.

Manuel Valerim, entrevistado aos 80 anos em 06/09/1986 em Sombrio pelo Padre Dall'Alba, relata como vivenciou nesse período em que tropeiros faziam a ligação entre o litoral e os campos, demonstrando como era forte o comércio na região. Manuel conta que veio para Sombrio porque lá em Cangicas (Hercílio Luz), o negócio não rendia, havia muitos comerciantes. Em Sombrio corria a fama que seria um lugar melhor porque carreteiros, tropeiros de Sombrio e os do campo, todos passavam pelas Cangicas e Sombrio era rota de passagem, então seria aqui o lugar para o futuro comércio da região.

3.6 TIMBÉ DO SUL

Antes de denominar-se Timbé do Sul, o atual município era conhecido como “Rodeio da Corticeira”, local utilizado como ponto de pouso de Tropeiros. Também chegou a ser conhecida como Rocinha e Timbé. Há uma hipótese de que o nome teria tido um erro ortográfico de “Taímbés”, que remete aos taímbés da Serra Geral.

As trilhas abertas no meio da mata com o passar do tempo foram se consolidando e deram origem as atuais estradas e serras. Em Timbé as mercadorias eram transportadas por bruacas e suas mulas, como também por carros de bois que enfrentavam as

difíceis e estreitas trilhas. Estas trilhas também foram importantes porque, além do tráfego de tropeiros, serviam como via de acesso de penetração e povoamento de imigrantes, e as necessidades desses novos moradores faziam com que essas trilhas que ligavam o litoral com as serras se formassem segundo suas necessidades de locomoção e basicamente seguissem os cursos dos rios. Segundo Savi (1992, p. 15),

Os Tropeiros de serra cima desciam pela Serra da Rocinha ou pela Serra Velha, passavam pelo Rodeio da Corticeira, seguiam por um atalho ao Rodeio da Figueira, ponto de encontro com os tropeiros que desciam pela Serra da Figueira, daí seguiam o rio da Figueira até desaguar no rio Amola Faca e ao longo deste, até a sua foz, passando pelo Rodeio da Areia, cujo topônimo certamente sugeria o caminho das Areias, região convencional do destino.

Timbé do Sul foi uma região muito disputada pelos tropeiros, suas rotas de acesso possibilitaram a realização comercial com as regiões próximas ao litoral como também acesso aos Campos de Cima da Serra.

Carlos Savi, entrevistado aos 91 anos em 1986 em Timbé do Sul pelo Padre Dall'Alba relata que seu pai, Luiz Savi, veio para Timbé do Sul em 1919, e Carlos veio para colocar casa de comércio em 1920. Escolheu este lugar porque era o encruzo onde se encontravam as estradas de tropas de duas serras, a da Rocinha e a da Figueira. Nesta região, serranos vinham passar o inverno e derrubar mato para o gado comer. Havia poucos colonos. Quando chegou só havia estrada de mula, foi obrigado a deixar sua mudança a três quilômetros de distância e carregar tudo nas costas. Passavam muitos tropeiros, iam comprar farinha em Sombrio e Araranguá, e arroz lá para Veneza. Sua casa de comércio durou vinte anos, até 1940. O negócio era feito com colonos e tropeiros. Tropeiros chegavam de São Joaquim, de Bom Jesus, de Canela. De Antonio Prado, tropas vinham carregadas de vinho, chamava de "Vinho Salvador".

3.7 O TROPEIRISMO NA LITERATURA DA REGIÃO

No livro "Histórias do Grande Araranguá", do Padre João Leonir Dall'Alba (1997), podemos encontrar várias entrevistas com moradores de diversas regiões que abrangem o grande Araranguá. Depoimentos esses que revelam inúmeros aspectos direcionados com a pesquisa, relacionado com o tropeirismo e seus agentes materiais.

Conforme segue a figura 35 (Anexo 2, Mapa prancha 2) destacamos esses relatos que demonstram o intenso movimento tropeiro no Extremo Sul Catarinense.

João Pellegrini, entrevistado aos 76 anos em 01/11/1986 no município de Meleiro, descreve que o nome do município de Meleiro foi dado ao morro pelos colonizadores que ali encontraram um meleiro de extraordinárias proporções num tronco oco. Seu pai, Jácomo Pellegrini, comprou na região uma casa de comércio, fábrica de banha, que servia de referência para os tropeiros que seguiam para a única subida de tropas na Serra do Pilão.

Orlando Presa, entrevistado aos 63 anos em 1986, no Meleiro, viveu em Sapiranga e Rio Cedro. A localidade onde moravam era um terreno montanhoso, isto no Rio Cedro Alto, onde logo se começava a serra. Não haviam estradas, apenas os carreiros para descer com tropas principalmente de porcos para fugirem dos fiscais. Segundo Orlando, “Eram carreirinhos apertados e perigosos, mas sendo para poupar uns níqueis de impostos, arriscavam nessas serras”.

Segundo Aluísio Hoepers, entrevistado aos 66 anos em 1986, em Forquilha não havia estradas, só havia as picadas que acompanhavam o rio, seguiam para Nova Veneza, Maracajá, para o Sangão, e todos esses lugares eram passagem dos serranos que iam para Tubarão e Criciúma.

De acordo com Antonio Sávio, entrevistado aos 64 anos em 1986, em Nova Veneza e São Bento Baixo, “os tropeiros desciam pela serra do São Bento”. José Gava, entrevistado aos 85 anos em 1978, relata que o maior comércio que realizavam era com os serranos, onde tropas de mulas desciam a serra por um carreiro muito perigoso. Valdemar Boeira, entrevistado em 1985, comenta que o maior problema eram as serras, principalmente a Serra de Veneza e a Serra do Pilão, pois em certos pontos da serra animais jogavam-se nos grotões.

O Padre Hercílio Capeller, entrevistado em 1981 em Siderópolis, mais precisamente no Rio Jordão, revela uma rica experiência com os tropeiros, pois carretas de quatro rodas não havia por lá, isto devido às estradas ruins. Os tropeiros costumavam parar para contratar algum serviço com seu pai que era carpinteiro. Outros vinham porque tinham poteiros grandes para as mulas. Às vezes, deixavam as mulas lá e seguiam sós, com apenas algumas até a primeira estação de estrada de ferro. Na volta, comprava farinha de milho, de mandioca, açúcar mascavo. As frutas, maçãs, charque, os serranos traziam da serra. Muitas vezes, para compensar davam um pedaço de charque, umas maçãs, mas não se cobrava nada. Quando as tropas eram grandes, amontoavam as cangalhas, arreios e bruacas. Quando voltavam de viagens com alguns cargueiros prontos, pousavam mais uma noite, carregavam os produtos e partiam de manhã cedo.

A estrada era a Serra do São Bento, era a única da região, entre a Serra do Doze e a Serra da Rocinha. Conhecida também como “Estrada da Nova Veneza” (Serra), só passava uma mula por vez. É uma serra curta. Só três quilômetros. Atinge toda a altitude que a Serra do Rio do Rastro sobe em 12 km. Tem 384 curvas no paredão, curvas até com 5 metros.

Esses números foram obtidos por contagem com um rosário pelo Padre Hercílio Capeller: 384 curvas até as Três Pedras que fica embaixo da serra, até em cima, calcula-se que há um desnível de 800 metros, há lugares que é impossível trafegar a cavalo, é preciso desmontar. São degraus de 60 ou 70 centímetros. Para descer também é perigoso. Não há relatos de mortes com pessoas, só animais. Uma tropa ocupa quase toda a serra, o trajeto é feito com muita lentidão, mais ou menos levam até três horas para fazer esse trajeto de 3 km. A Serra de Santa Bárbara de que os serranos descreviam possivelmente era a serra que chamam de Serra do Imaruí, ela dá, de fato, na fazenda Santa Bárbara. Outra serra abaixo da Nova Veneza era a do Pilão, Serra pérfida, usada também pelos caçadores. A Serra do Oratório foi substituída pela do Rio do Rastro, em 1897. Para o norte só havia mais a Serra do Grão Pará, nas imediações do Corvo Branco. Sobre a Estrada do Doze, quando estavam construindo a rodovia, ocuparam de novo a Serra do Oratório, que era uma picada de mulas. Por volta de 1910 deve ter havido uma reforma grande, empreitada por Martinho Ghizzo segundo relatos.

Lino Honorato Fernandes, entrevistado em 1986 no Turvo também faz relatos sobre o Ermo, nessas regiões, passava a estrada dos serranos com suas tropas, havia negociantes e comercializavam com eles. O comerciante mais perto era na Itoupava, do senhor Lino Alves. Mais abaixo, nas proximidades de uma ponte, Guilherme Hahn possuía uma grande casa de comércio. Seu Lino conduziu tropas de porcos, tropas de bois, pousavam na beira das estradas, as tropas de porcos eram conduzidas a Maracajá, outras para Araranguá, para pegarem o trem que saía da Barranca. Às vezes ia buscar em São João do Sul e em Pinheirinho.

Pompeu Francisco Lummertz, entrevistado aos 73 anos em 1986 em São João do Sul, relata como era, em certo período do dia, as viagens que realizava como tropeiro. Comercializavam com a serra e mais tarde estendeu-se para Porto Alegre. A estrada utilizada pelos serranos subia pela Serra do Cavalinho e Serra do Faxinal, cargas eram levadas para Caxias, Lages, Bom Jesus, Vacaria. Quando fazia muito frio, ia para Barro Branco, Orleans, Serra do Doze, para levar cachaça. Sua tropa chegava a possuir cerca de vinte e cinco cargueiros, segundo Pompeu, “pela manhã tomávamos café com carne, feijão e

arroz, isso no sair do sol, carregavam os cargueiros e no meio da tarde se fazia o pouso”. Não se parava meio dia, comiam duas vezes por dia. As tropas de peru eram as mais fáceis que de animais, porque não precisava carregar e descarregar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar os espaços relacionados aos caminhos das tropas e seus bens matérias remanescentes nos municípios do Extremo Sul Catarinense foi possível, através das coletas de dados em campo, realizar um estudo parcial que contribuiu para a análise dos resultados obtidos, formando assim um grande potencial em informações.

A área delimitada abrange vários municípios dos quais alguns foi possível à visitação e coleta dos dados conforme o (Mapa prancha1).

Em outros foram obtidos resultados através de informações em referenciais bibliográficos, como o livro do Padre Dall’Alba “Histórias do Grande Araranguá”, que contém dezenas de entrevistas transcritas com antigos moradores de toda essa região, como também em relatos de moradores que já viveram nestas localidades, estabelecendo assim relação com o objeto de estudo. Conforme mostra (Mapa prancha 2).

O caminho das tropas teve papel importante na história do Brasil, principalmente na região sul, portanto a decisão de investigar esse tema ainda pouco estudado na região do Extremo Sul Catarinense foi importante para a história local e regional.

A maioria dos dados em relação ao tropeirismo foi encontrada no município de Jacinto Machado. Foram registradas antigas casas comerciais; mesmo com o passar do tempo, ainda que as casas não existam mais hoje, foi possível encontrar os locais de origem que identificam os pontos de passagem das tropas por esta região. Assim percebemos que este município foi muito importante para o tropeirismo, onde se estabeleceram casas comerciais, pontos que serviram como referência para quem passava por esta região além dos acessos que ligam o litoral as duas serras existentes neste município.

Com relação ao estado de conservação, as vias de acesso ainda se fazem presentes como as trilhas utilizadas pelos tropeiros. Como plano de ação foi realizado o trajeto da histórica rota da Serra da Pedra, um trajeto que ainda é feito por moradores da região e o movimento de condução de tropas ainda se faz presente, apenas com intuito de procurar os campos mais acima para alimentação e local de criação de gado. O turismo local também utiliza essas trilhas, possibilitando ao caminhante uma percepção contextual da paisagem.

Das casas comerciais, as que não estão sendo utilizadas como moradias atualmente encontram-se em estado de abandono, ou já não existem mais, isso demonstra como um estudo a partir desses bens remanescentes pode contribuir para as comunidades

tomarem conhecimento da sua história e promoverem projetos com o intuito de preservar esses que podem tornar-se patrimônios culturais desses municípios.

A partir dos levantamentos realizados em campo verificaram-se algumas situações semelhantes nos demais municípios pesquisados, assim também como a falta de consciência das entidades protetoras.

O município de Praia Grande possui grande influência tropeira na sua história, os dados bibliográficos e as fontes orais, neste caso, referenciam muito mais do que os indícios verificados em campo. Mesmo assim é um dos municípios que encontramos grande número de vestígios remanescentes do período dos tropeiros.

A história oral neste município acaba por ser o grande potencial que dá visibilidade aos vestígios remanescentes sobre o tropeirismo. Descendentes das famílias que ali estabeleceram casas comerciais ainda permanecem morando no próprio local ou nas proximidades. Contudo, percebemos nas entrevistas o quanto as lembranças são fortes de um período em que as dificuldades de enfrentar caminhos praticamente intransitáveis e a busca por mercadorias, além da agricultura local, eram as principais atividades realizadas na região, sem contar que, durante o movimento de passagem tropeira, houve pontos de parada que acabaram por influenciar nas formações destes municípios que abrangem o Extremo Sul do Estado.

Considerando que esta pesquisa evidencia os Caminhos das Tropas na formação dos municípios do Extremo Sul Catarinense, e dá visibilidade aos bens materiais remanescentes do período tropeiro, foram identificados outros bens materiais como as próprias vias na utilização e funcionamento como meio de transporte e urbanização ligando o litoral aos campos de cima da serra. Foram casos como de São José dos Ausentes, Morrinhos do Sul e Nova Veneza, referenciados nesta pesquisa como rotas de passagem tropeira pela região.

Outros municípios em que foi possível realizar pesquisa de campo aparecem como principais rotas de passagem e nas suas localidades vizinhas são encontrados vestígios remanescentes sobre o tropeirismo. Morro Grande é apontado como uma destas rotas, possuindo uma via de acesso aos campos de cima da serra que possivelmente era muito utilizada com o intuito de desviar das fiscalizações. Na localidade de Morro Chato foram encontrados referências como campo de pouso e casa de banha, além de outros serviços que serviam aos tropeiros que por ali passavam.

Assim, todos esses municípios serviram de referência para o tropeirismo, que vindos dos campos de cima da serra procuravam comercializar e transportar de tudo um

pouco, muito desses comércios ficavam nas próprias localidades, mas também muitos desses tropeiros alcançavam o litoral, mais precisamente Araranguá, onde havia grande potencial de despachar mercadorias para outros lugares, como também muitos armazéns estabeleceram-se nas margens do rio Araranguá. Durante essas passagens, muitos foram os locais em que o intenso movimento acabou por transformá-los em paragem quase obrigatória.

Durante a pesquisa, a partir dos levantamentos bibliográficos, foi possível identificar uma extensa rota marcada pelo tropeirismo. Analisando as rotas que vinham dos campos de cima da serra, vários foram os pontos em que era feito esse transporte, ao longo da serra geral, acabam descendo e ligando ao litoral conforme mostrado no mapa às vias de passagem. Alguns desses municípios não foram realizados trabalhos em campo, mas são descritos nesta pesquisa os que possuem algum tipo de ligação com o tropeirismo. Porém, na área delimitada, muito potencial ainda está à espera de novas pesquisas que foquem essa história local e regional, fazendo com que esta linha de pesquisa ainda revele muitos outros aspectos em relação com o tropeirismo.

Este intenso movimento indica que, após a abertura do Caminho dos Conventos começou a aparecer os primeiros assentamentos, uma via de passagem foi aberta e nesse percurso outras faziam um emaranhado de caminhos interligando as localidades que começavam a se estabelecer na região, primeiro nas margens do rio Araranguá, buscavam os campos de cima da serra para o transporte de mercadorias em geral.

O caminho das tropas está inserido na história do Brasil, principalmente da região sul. Numa época em que não havia estradas, vias serviram para que a produção local fosse transportada para as regiões consumidoras. No lombo de animais cargueiros muitos bens foram transportados, além de integrar varias regiões sendo que vilas foram construídas e sua influência ainda está presente na memória viva desses lugares.

Desse modo, este Trabalho de Conclusão de Curso dá visibilidade aos bens materiais remanescentes como casas comerciais, pontos de parada e pouso, principais rotas e caminhos, lugares esses pertencentes ao tema abordado que são de suma importância para a memória e a identidade dos moradores, mesmo aquelas que não são reconhecidas pela legislação, e pela própria comunidade. Assim acabam por contribuir para elaboração e melhoramento de políticas públicas como para o desenvolvimento de futuras pesquisas que poderão contribuir para legitimação da ação que o tropeirismo proporcionou nos municípios do Extremo Sul Catarinense.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Aluísio de. **Vida e Morte do Tropeiro**. São Paulo: Martins, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1989.
- CAMPOS, J. B.; SANTOS, M. C. P.; ROSA, R. C.; RICKEN, C.; ZOCHE, J. J.;
Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros arqueológicos pré-
históricos no extremo sul catarinense. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 10, n. 20, p. 9-40, 2013.
- DALL'ALBA, João Leonir. **Histórias do Grande Araranguá**. Araranguá/SC: Gráfica Orion Editora, 1997.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1994.
- FARIAS, Vilson Francisco de. **Sombrio: 85 Anos: natureza, história e cultura: para o ensino fundamental**. Sombrio: Ed. Do Autor, 2000.
- FLORES, Moacir. **Tropeirismo no Brasil**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.
- HERBERTS, Ana Lucia. **Arqueologia do caminho das Tropas: Estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios pelotas e Canoas, SC**. Porto Alegre: PUCRS, 2009. 538p.
- HOBOLD, Paulo. **A História de Araranguá**. Complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: [s. n.], 2005.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- NOVAIS, Fernando Antônio. **Colonização e Sistema Colonial: discussão de conceitos e perspectiva histórica**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4., 1967, Porto Alegre. Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Colonização e migração. São Paulo: [FFCL]-USP, 1969, p. 265-268.
- PENSAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. 48ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RUSCHEL, Ruy Ruben. **Torres tem História**. Porto Alegre: Ed. EST, 2004.
- SALVADORI, Maria Ângela Borges. **História, Ensino e Patrimônio**. Araraquara: Jaqueira&Marin, 2008.
- SANTOS, Taise Correa dos. **Patrimônio Edificado de Sombrio: memória e Identidade**. 2013. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma/SC, 2013.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAVI, Hilário. **Timbé do Sul: Um pouco de sua história**. Florianópolis: Paralelo 27, 1992.

STRAFORINI, Rafael. **No Caminho das Tropas**. Sorocaba, SP: TCM, 2001.

TEIXEIRA, Tiago Roberto Alves. **O Conceito de Território como Categoria de Análise**. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Julho de 2009. Porto Alegre/RS.

THOMÉ, Nilson. **Caminho dos Tropeiros nos Séculos XVIII e XIX como Fatores Pioneiros de Desbravamento do Contestado**. Lages, SC: UNIPLAC, 2012.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

Anexo 1: Mapa de localização das estruturas tropeiras na área do Entre Rios

Anexo 2: Mapa de localização dos municípios da área Entre Rios e a presença de relatos sobre o tropeirismo.